

Entre Skopje e Guimarães.

História e Utopia nas visões urbanas de Kenzo Tange e Fernando Távora.

Eduardo Fernandes

eduardo@arquitectura.uminho.pt

EAUM, LAB2PT

Ana Pinho Ferreira

anne_fp@hotmail.com

EAUM

Abstract

O plano para a reconstrução de Skopje após o terremoto de 1963 foi uma rara oportunidade para a aplicação prática das ideias metabolicistas de desenho urbano. No desenho de Tange para Skopje podemos reconhecer a ideia de um centro cívico organizado ao longo de uma megaestrutura axial (nova "coluna vertebral" da cidade), mas também duas outras estruturas que se relacionam com a circunstância preexistente: o "city gate" e a "city wall" formam um diálogo com as principais características geográficas do local (o rio Vardar e as montanhas Vodno), mas também se relacionam muito claramente com a história da cidade, reinterpretando a fortaleza Kale.

O plano de Fernando Távora para Guimarães (1982) não parece ter qualquer relação com as ideias urbanas de Tange. No entanto, apresenta os mesmos conceitos, materializados de uma forma diferente: o traçado da nova rodovia que se assume como nova "muralha da cidade", o principal momento de entrada considerado como um "portão da cidade" e o eixo principal de expansão considerado como um "centro cívico". Dadas as diferentes de posicionamento dos seus autores, esta possível analogia entre os planos de Skopje e Guimarães torna-se interessante como caso de estudo, como exemplo do confronto entre utopia e realidade.

1. Introdução.

Para quem conheça a obra dos dois autores, pode parecer improvável a existência de uma influência distante (no espaço e no tempo) da proposta de Kenzo Tange para Skopje (1965-66) no plano de Fernando Távora para Guimarães (1979-82).

Quer do ponto de vista da produção teórica, quer do ponto de vista do desenho, não são evidentes quaisquer relações, quer nestas duas intervenções urbanas, quer na generalidade da obra escrita, desenhada e construída de ambos.

Mas a hipótese de existir uma influência efetiva de Tange em Távora torna-se mais plausível quando estudamos o percurso de ambos, que se cruza em vários momentos.

Fernando Távora¹ (1923-2005) participa, ainda jovem, nos principais encontros de arquitetura promovidos a nível internacional, onde tem oportunidade de contactar com nomes sonantes da comunidade arquitetónica mundial: integra as representações portuguesas, chefiadas por Viana de Lima, presentes nos CIAM² de Hoddesdon (1951), Aix-en-Provence (1953), Dubrovnik (1956) e Otterlo (1959), onde apresenta os projectos da casa de Ofir e do mercado de Vila da Feira; em 1960 realiza (como bolseiro da fundação Gulbenkian) uma viagem de estudo que se inicia nos Estados Unidos e termina no Japão, onde participa na World Design Conference (Távora, 2012); participa ainda no encontro de Royaumont, do Team X, em 1962 (Távora, 1963).

Kenzo Tange (1913-2005),³ dez anos mais velho do que o arquiteto português, também esteve presente em Hoddesdon, como membro da comitiva japonesa (com Kunio Maekawa and Junzo Sakakura, antigos colaboradores de Corbusier) que pela primeira vez integra os CIAM; apresenta aí os seus desenhos para o Hiroshima Peace Centre e Memorial Park, resultado de um concurso ganho em 1949 e só mais tarde concretizado em obra (Stewart, 2002).

¹ Sobre a vida e obra de Távora ver Bandeirinha (2012), Távora (1993) e Esposito; Leoni (2005).

² “Congrès Internationaux d’Architecture Moderne”; entre 1928 e 1956 realizaram-se 10 encontros, em 8 países diferentes: Suíça (CIAM I: La Sarraz, 1928), Alemanha (CIAM II: Frankfurt, 1929), Bélgica (CIAM III: Bruxelas, 1930), Grécia (CIAM IV: Atenas, 1933), França (CIAM V: Paris, 1937 e CIAM IX: Aix-en-Provence, 1953), Inglaterra (CIAM VI: Bridgwater, 1947 e CIAM VIII: Hoddesdon, 1951), Itália (CIAM VII: Bérghamo, 1949) e na antiga Jugoslávia, atual Croácia (CIAM X: Dubrovnik, 1956). A reunião de Otterlo (Holanda, 1959), onde se constata a falência da procura de uma metodologia comum, culmina na dissolução do grupo que a promoveu e no abandono definitivo da sigla CIAM (Benévolo, 2002: 942). Esta última, no entanto, já não é considerada por alguns autores; Kenneth Frampton, por exemplo, classifica taxativamente a reunião de Dubrovnik como o “último encontro dos CIAM” (Frampton, 1985: 330).

³ Sobre a vida e obra de Tange ver Tange; Bettinotti (1996).

Parece provável que o carácter Corbusiano destes projetos de Tange tenha despertado o interesse do arquiteto português. A participação nos congressos CIAM é especialmente marcante para Távora, porque aí pode confirmar a pertinência das suas ideias (teorizadas em textos publicados desde a década de 40), assistindo ao debate que leva as novas gerações a traçar novos caminhos,⁴ alguns dos quais próximos daqueles que defende.⁵ Assim, em Hoddesdon (primeiro encontro CIAM em que participa) Távora assume um papel de observador atento das tendências que começavam a emergir e que iriam resultar numa futura e irremediável cisão entre o “Team X” e o “funcionalismo ortodoxo” (Portas, 1961: 16).

Os caminhos dos dois arquitetos iriam cruzar-se novamente em 1959, na reunião de Otterlo do Team X. Távora recorda, numa entrevista realizada em 1988, que “no congresso CIAM em que Rogers apresentou a Torre Velasca, fez um grande elogio do Tange” a propósito da “Câmara Municipal de Tóquio” (Mendes, 2013: 12); este comentário está relacionado com um debate que marcou o congresso, despoletado pelas críticas de Peter Smithson a Ernesto Rogers e a Kenzo Tange, a propósito dos projetos da Torre Velasca,⁶ do Tokyo City Hall e do Kagawa Prefectural Office; para o arquiteto inglês, estas obras seriam um exemplo de formalismo e revivalismo historicista (Newman, 1961).

Igualmente interessante para o registo das afinidades entre as ideias de Távora e Tange é o registo escrito, pela mão do próprio Távora, do reencontro de ambos na já referida World Design Conference.

Távora chega “ao ‘Sankei Kaikan’ onde se realizará a conferência e, entre “muita gente e bastante confusão” encontra “os Smithson, o Kahn, o Paul Rudolph, o amigo Tange e

⁴ Existia já no CIAM VI (Bridgwater, 1947) uma tentativa de transcender “a esterilidade abstracta” do conceito de “cidade funcional” e defender “a criação de um ambiente físico capaz de satisfazer as necessidades emocionais e materiais do homem”; foi o grupo inglês MARS, defensor destes pontos de vista, que escolheu o tema “the Core – the Heart of the City” para o CIAM VIII. Subsequentemente, no CIAM IX, deu-se o confronto entre a nova geração (Alison e Peter Smithson, van Eick, Bakema e Candilis, entre outros) e os arquitetos da geração anterior, defensores das “quatro categorias funcionalistas da Carta de Atenas: Moradia, Trabalho, Lazer e Transporte”; o Congresso de Dubrovnik é já realizado sob o “impulso crítico de encontrar uma relação mais precisa entre a forma física e a necessidade sociopsicológica”. Finalmente, no posterior encontro de Otterlo (1959) confirma-se a extinção oficial dos CIAM (Frampton, 1985: 329-330).

⁵ Como referiria Siza mais tarde, Távora em Dubrovnik estaria perto do “Coderch das casas catalãs, e não do Candilis das novas cidades”, bem como do “Van Eyck rebelde e dos novos italianos”, e não do “Bakema da triunfante reconstrução” (Siza, 1987: 106).

⁶ A Torre Velasca (1956-58) é um projeto do grupo BBPR, constituído por Ernesto Nathan Rogers, Gian Luigi Banfi, Lodovico Barbiano di Belgiojoso e Enrico Peressutti.

a mulher, o Kurokawa e... outros tipos mais ou menos importantes” (Távora, 2012: 305).

Esta qualificação distingue claramente a relação de Távora com o arquiteto japonês da que teria com os restantes participantes. O interesse do português na obra do “amigo” leva-o, nos dias seguintes ao congresso, a visitar algumas das suas obras. Sobre o Tokyo City Hall, recorda o já referido debate de Otterlo, onde “toda a gente criticava a expressão de madeira do betão armado”, colocando-se claramente do lado de Tange: “é um bom edifício” e seria “certamente muito mais japonês do que o edifício da Dieta ou do que a Torre de Tóquio.” (Távora, 2012: 310-11, 318). Távora retoma ainda este tema da relação novo/antigo quando visita uma obra de referência do património histórico japonês, o Toshogu Shrine, em Nikko: “A porta do santuário é em granito o que representa a tradução em pedra de uma forma de madeira. O «caso Tange» tem já antecedentes no século XVII!” (Távora, 2012: 320).



Figura 1. A memória da construção em madeira está bem expressa no desenho dos elementos em betão do mercado de Vila da Feira (1953-59) e do Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição (1956-60), de Fernando Távora. Fotografias de Eduardo Fernandes.

Era evidente que este tema o inquietava, o que é facilmente compreensível quando analisamos algumas obras que tinha desenhado nos anos anteriores,⁷ onde este tema da memória da construção em madeira expressa no desenho dos elementos em betão está

⁷ O mercado de vila da Feira (1953-59), a casa de Ofir (1957-58), o pavilhão de ténis da Quinta da Conceição (1956-60) e a escola do Cedro, em Gaia (1957-61).

bem presente (ver fig. 1). Curiosamente, não voltará a ser reconhecível, de forma tão enfática, nas obras projetadas após o seu regresso a Portugal...

Assim, não parece improvável que Távora continuasse a acompanhar com interesse a obra de Tange, nomeadamente o projeto para Skopje (desenhado poucos anos depois) onde este tema da relação entre a tradição e a modernidade se coloca de forma muito clara. Por isso, acreditamos que a analogia que apresentaremos seguidamente, entre os planos de Skopje e Guimarães, não será apenas o resultado de uma coincidência; mas, mesmo que o fosse, não deixaria de ser um interessante caso de estudo de duas soluções que encaram de forma semelhante o confronto entre modernidade e tradição, entre utopia e realidade.

2. O plano para a reconstrução de Skopje (Tange, 1965-66).

Skopje, capital da Macedónia, parece ter estado sempre em constante mudança; todas as ocupações que sofreu (Alexandre o Grande, os eslavos, o império Bizantino e o império Otomano)⁸ fizeram da cidade uma amálgama de diferentes realidades históricas e sociais, profundamente marcadas no território. Em meados do século XX, um importante acontecimento marcou novamente a história da cidade: o terramoto ocorrido no dia 6 de Julho 1963 deixou a cidade paralisada e em ruínas.

Em 1965 é lançado um concurso de arquitetura que tem como objetivo a escolha de uma proposta para a reconstrução do centro da cidade, tendo sido convidadas quatro equipas Jugoslavas e quatro estrangeiras⁹. A equipa japonesa, liderada por Kenzo Tange, ganha o concurso.

Três anos antes do terramoto, o *World Design Conference* em Tóquio tinha permitido a consolidação dos objetivos e pontos de atuação de um novo movimento arquitetónico em ascensão no Japão: o Metabolismo, surgido em consequência da aniquilação de

⁸ Ocupação que durou cerca de 500 anos, do séc. XIV até 1913.

⁹ As equipas da casa incluíam: Slavko Djordjevic e associados do Makedonijaprojekt of Skopje, Aleksander Djordjevic e os seus colegas do Instituto de Urbanismo de Belgrado, Radovan Miscevic e Feodor Wenzler do Instituto Croata de Urbanismo em Zagreb e Eduard Ravnikar e Associados de Ljubljana. As equipas estrangeiras eram constituídas por: J.H van den Broek e Bakema de Roterdão, Luigi Piccinato (com o estúdio Scimemi) de Roma, Maurice Rotival de Nova Iorque e Kenzo Tange de Tóquio.

muitas cidades nipónicas após a Segunda Grande Guerra, como tentativa de resposta à destruição causada pela catástrofe humana e ambiental. O movimento pretendia alcançar novas formas, imagens e conceções que pudessem ser aplicadas a qualquer realidade através de megaestruturas urbanas que ‘crescessem’ e ‘encolhessem’ à semelhança dos organismos biológicos através da adição e substituição de partes, permitindo uma flexibilidade que se considerava em falta em muitos planos da cidade modernista (Urban, 2011).

O plano para a Baía de Tóquio, de Kenzo Tange (divulgado no World Design Conference), pode ser visto como um manifesto que lança as bases no estabelecimento dos conceitos metabolistas e é essencial na definição posterior das premissas de organização do plano para a cidade de Skopje. Tange defendia que a elaboração de um plano de cidade deveria ter como principal preocupação o crescimento populacional e a evolução tecnológica, mas considera também de extrema importância a ligação entre a arquitetura do presente e a arquitetura do passado. Assim, procura referências na arquitetura tradicional dos locais onde intervém, enquadrando-as na nova organização do espaço; usa as simbologias dos espaços e das formas familiares aos habitantes para os envolver emocionalmente com os novos espaços.

No plano de Tóquio, a equipa de Tange recusa o tradicional modelo centrípeto e propõe uma organização linear e megaestrutural da cidade; esta conceção de crescimento linear, intrínseca ao trabalho posteriormente desenvolvido, assenta numa analogia entre o processo de crescimento de um corpo orgânico e o crescimento urbano de uma cidade. Numa fase inicial de desenvolvimento, um ovo apresenta um núcleo central. Num processo natural, o núcleo desenvolve-se para uma espinha e quebra o invólucro do ovo, fazendo a passagem para uma nova fase de desenvolvimento. A espinha é um elemento essencial e comum aos animais vertebrados: ela é um importante elemento no sistema nervoso (sistema nervoso periférico) responsável pela transmissão de sinais nervosos carregados de informação que fazem a ligação entre o cérebro e o restante corpo. De forma análoga, Tange e a equipa questionam o que aconteceria se prolongassem uma ‘espinha’ desde o atual centro urbano até aos espaços sobre a Baía de Tóquio (o elevado preço dos terrenos em Tóquio permitia que a construção sobre o mar fosse economicamente mais viável para a implantação e desenvolvimento do projecto). O arquitecto apelidou esta espinha de eixo cívico (Tange, 1996).

É neste contexto que Kenzo Tange é convidado a participar no concurso de projetos para a reconstrução do centro da cidade de Skopje. Esta foi uma importante oportunidade para o arquiteto, e viria a ser a sua primeira experiência prática em desenho urbano.

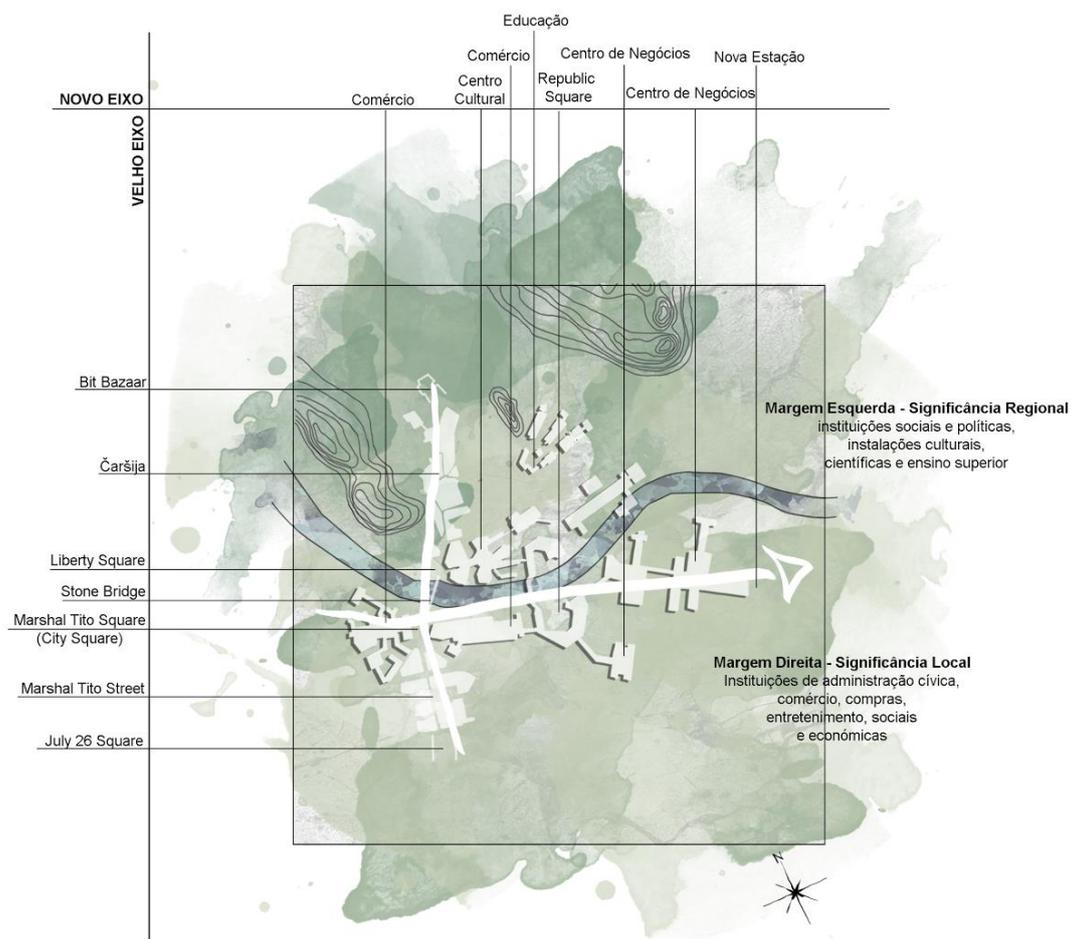


Figura 2. Os dois eixos do plano de Kenzo Tange para Skopje. Desenho de Ana Pinho Ferreira (Ferreira, 2016).

Kenzo Tange e a sua equipa aplicaram as ideias principais desenvolvidas no projeto da Baía de Tóquio ao caso de Skopje. O plano é estruturado ao longo do movimento orgânico do rio Vardar. A estrutura espacial do projeto é organizada tendo em conta dois eixos (ver fig. 2).

O primeiro, norte-sul, organiza-se segundo as marcas correspondentes à época Otomana e Bizantina, e respeita a polarização da cidade e a sua tendência de crescimento a partir

de um centro. Tem início no velho Bazaar, e passa por Čaršija até à velha Stone Bridge, contornando a Fortaleza Kale; passando o rio, estende-se para a margem sul onde encontra a praça central da cidade, Marshall Tito Square (o principal elo de ligação entre as duas margens), e prolonga-se para sul através da Marshall Tito Boulevard (uma rua pedestre constituída por blocos residenciais com lojas no andar inferior) até culminar na July 26 Square. Na praça central, este eixo intersecta-se perpendicularmente com um segundo eixo introduzido no projeto, organizado na direção este-oeste (Ferreira, 2016).

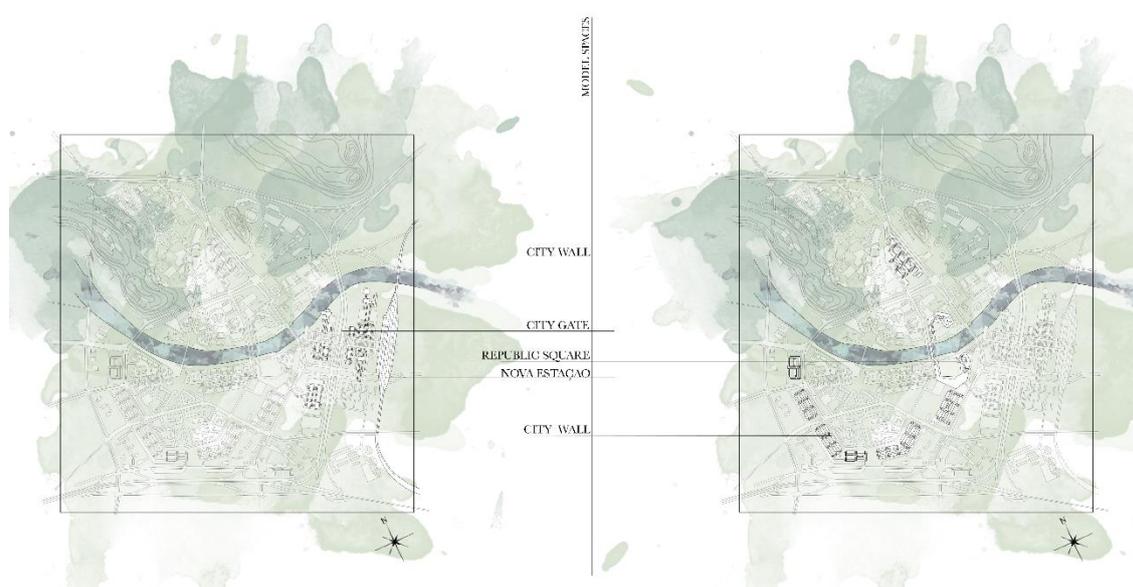


Figura 3. O plano de Kenzo Tange para Skopje: City Wall e City Gate. Desenhos de Ana Pinho Ferreira (Ferreira, 2016).

Neste segundo caso, Tange adota a conceção de desenvolvimento linear experimentado na Baía de Tóquio, fazendo com que a margem do rio seja a estrutura espacial responsável pelas funções cívicas da cidade. Ao longo deste eixo, pensado de forma a permitir um futuro crescimento urbano, estão associadas construções de carácter cultural e recreativo.

Sendo a cidade de Skopje um registo materializado da densa historia que lhe é inerente ao longo de séculos, o plano de Tange procura dotar a cidade de elementos novos que interajam em conformidade com a arquitetura já existente: o *City Gate* e o *City Wall* (ver fig. 3), os principais elementos do conceito e da organização do projeto, recriam imagens facilmente identificáveis através da conjugação de elementos tradicionais com

elementos modernos (Tange, 1967). Sendo simultaneamente estruturas organizadoras da vida cidadina em movimento e imagens espaciais simbólicas que remetem para a história da cidade, estas duas novas estruturas formam um diálogo com o existente: o rio Vardar, as montanhas Vodno e a Fortaleza Kale (construída durante o império bizantino).

O City Gate é uma megaestrutura transformadora da vida e do movimento da cidade, articulando o trânsito nacional, regional e local, e a circulação automóvel com o transporte ferroviário e a deslocação pedonal. Destinava-se ainda a ser o centro de comércio e negócios da cidade, localizado na sua entrada principal. Assim, pode ser interpretado como uma alusão às portas da cidade medieval, o único ponto permeável da muralha para ligar o exterior e o interior. Com o desenho de um edifício de grande escala, o arquiteto marca a entrada na cidade e salienta o caráter simbólico deste ‘portal’.

O City Wall demarca e circunscreve o centro da cidade, estabelecendo uma clara fronteira entre interior e exterior. É constituído por um anel de altos edifícios destinados a habitação, mas a sua escala e configuração sugere uma muralha, evocando a simbologia associada a este elemento: defesa da cidade e delimitação entre o interior e o exterior; a alusão é apenas simbólica, porque esta ‘muralha’ é uma estrutura espacial organizada em torno do homem, dos seus espaços de habitar e das suas atividades comunitárias.

Para além destes dois elementos principais do plano, é ainda de salientar o Pedestrian Deck, que se destina ao uso exclusivo do trânsito pedonal e permite uma separação do trânsito automóvel, e a Republic Square, um dos espaços centrais da cidade na qual a equipa japonesa introduziu novas atividades às já existentes.

Desde a proposta inicial do concurso até ao seu traçado final, o plano demorou 20 meses a ser concluído passando por 3 fases distintas, sendo a primeira destas fases correspondente ao concurso. O trabalho realizado ao longo das etapas é o reflexo de um trabalho colaborativo entre a equipa japonesa, equipas internacionais e equipas Jugoslavas numa tentativa de unificar o desenho urbano proposto à escala da cidade de Skopje.¹⁰ Mas embora o desenho de alguns elementos apresentados a concurso tenha mudado significativamente ao longo das três fases, o tecido urbano do centro e a sua organização é um reflexo das conceções de cidade desenvolvidas pelo arquiteto japonês.

¹⁰ Um dos principais organizadores do concurso e dos trabalhos para a reconstrução do centro de Skopje, foram as Nações Unidas (UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME, 1970)

Quer o conceito de desenvolvimento da cidade ao longo dos seus eixos principais, quer o sistema viário e pedonal, são importantes organizadores da vida urbana reconhecíveis na cidade de hoje (Ferreira, 2016).

3. O Plano de Urbanização de Guimarães (Távora, 1979-82).

A documentação existente na Fundação Marques da Silva¹¹ permite enquadrar cronologicamente o Plano de Urbanização de Guimarães, de Fernando Távora: o contrato é assinado a 3 de janeiro de 1979, o plano é entregue em janeiro de 1982 (data que consta da respetiva Memória Descritiva), ano em que é também exposto publicamente; em 1991, Fernando Távora realiza uma revisão a este Plano Geral, que incide apenas sobre alguns aspetos pontuais, sem pôr em causa as principais premissas do trabalho anterior.¹²

Parece evidente, numa análise dos seus textos e peças desenhadas, que o plano de Távora se constrói a partir de uma reinterpretação da história da cidade, assente num princípio de modernização em continuidade, numa releitura e atualização dos processos que, durante cerca de dez séculos, deram forma a Guimarães (Fernandes, 2016); é, nas palavras do seu autor, “um plano de síntese no qual se procurou compatibilizar a unidade e a variedade, o geral e o particular, a função e o desenho, o passado e o futuro” (Távora, 1993: 126).

Se um plano de Urbanização implica sempre uma releitura do passado do espaço urbano em causa, para melhor compreensão do presente, o percurso anterior do autor torna evidente que esta metodologia seria não só o ponto de partida mas também a matriz de todo o trabalho: na obra de Távora encontramos sempre, em paralelo, uma atenção à circunstância pré-existente que condiciona a obra e a consciência de uma circunstância pós-existente que a nova intervenção vai determinar (Fernandes, 2011: 232).

No que diz respeito à circunstância pré-existente, a topografia do terreno (condicionante da ocupação do território desde a fundação do primeiro núcleo urbano) assume um

¹¹ O espólio de Fernando Távora encontra-se arquivado e disponível para consulta na Fundação Marques da Silva; o Plano de Urbanização de Guimarães tem aí a referência FIMS_FT_0207.

¹² Entre 1981 e 1992 Távora é também consultor do Gabinete do Centro Histórico de Guimarães e realiza vários projetos de reabilitação urbana que integram um Plano Integrado de Reabilitação e Revitalização do Centro Histórico de Guimarães; não é a este conjunto de intervenções que se refere este texto, embora a sua linha de ação seja consequência dos mesmos princípios que estão subjacentes à conceção do Plano de Urbanização de Guimarães.

caráter determinante. O desenho 22 do plano (intitulado “Relevo”) mostra as principais linhas de fecho da topografia envolvente, permitindo perceber o modo como o crescimento urbano foi sendo condicionado por esta característica perene.

Guimarães nasce num eixo norte-sul, na relação direta entre o castelo e o mosteiro edificadas a mando da Condessa Mumadona, no século X, sendo esta a orientação geral do burgo quando é edificada a muralha de D. Dinis, no século XIV (Fernandes; Jorge, 2011); fora do recinto muralhado, a expansão planeada da cidade (tanto no plano de 1925, do Capitão Luís de Pina, como no antepiano de 1953, de David Moreira da Silva e Maria José Marques da Silva) seguiu sempre uma orientação nascente/nordeste – poente/sudoeste que acompanha as linhas de água e procura algum paralelismo com a direção dominante das linhas de fecho da topografia circundante (ver fig. 4).

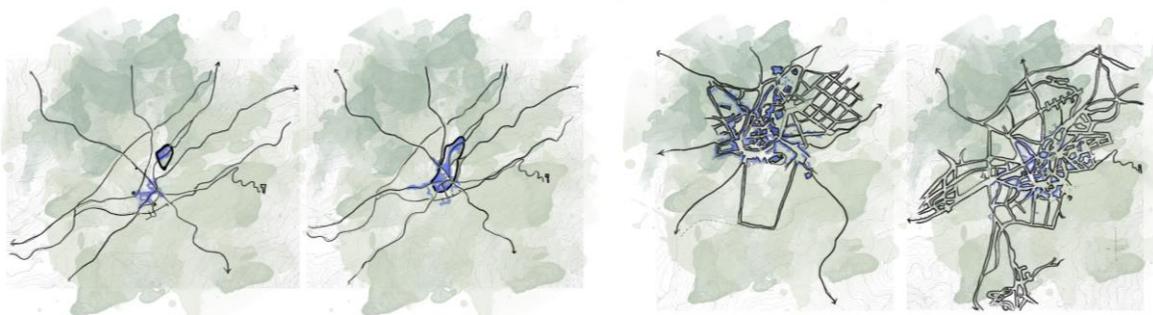


Figura 4. Esquemas de evolução da cidade de Guimarães. Desenhos de Ana Pinho Ferreira e Eduardo Fernandes (baseados em Morais; Vaz, 2002 e Távora, 1982b).

Se “Guimarães é, como todas as cidades implantadas num terreno acidentado, uma cidade que se vê a si própria”, esta característica é assumidamente “reafirmada ou recriada na proposta do Plano Geral” com o traçado da nova estrada de Famalicão, com a proposta de localização do “futuro estádio no grande eixo do vale da Ribeira da Costa” (não realizado), com as vistas da cidade que o traçado da nova circular irá proporcionar e com o percurso do teleférico, entre outras (Távora, 1982b: 44).

Esta topografia justifica o crescimento histórico da “Área Urbana”, que até meados do século XX se desenvolvia “no sentido ENE-OSO, acompanhando (...) o movimento das linhas de água que a percorrem”; no entanto, nos 30 anos seguintes, o crescimento da cidade deu-se de forma mais desordenada, levando a uma “multiplicação preocupante de construções isoladas e dispersas pelo território”, numa “constelação desordenada

(...) que urge transformar num todo coerente, estruturando-a através de um sistema viário claro e definindo áreas de expansão e sentidos de desenvolvimento” que permitam transformar a cidade “num organismo tão funcional e esteticamente perfeito quanto possível” (Távora, 1982b: 43).

O plano propõe quatro áreas de expansão da cidade: a norte, dominada pela já prevista “implantação da Universidade do Minho (Pólo de Guimarães)””; para nascente, nas vertentes da ribeira da Costa, dando continuidade à proposta do plano de Moreira da Silva; para sul, “no sentido da EN 105” (direção igualmente estabelecida no plano anterior); para poente, ao longo da nova variante à EN206, “admite-se o que nos parece ser um indispensável crescimento, com funções estruturantes e de remate da desordenada situação actual” (Távora, 1982b: 52-53).

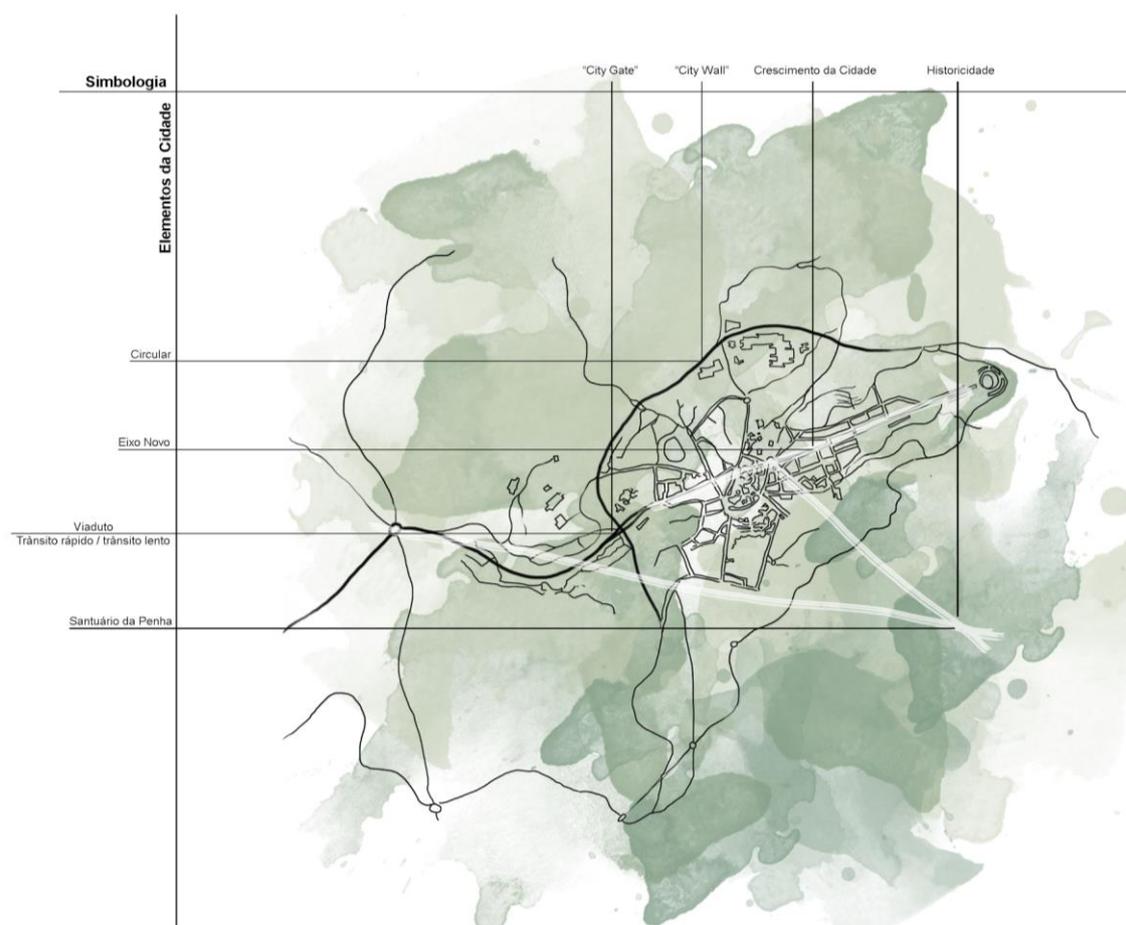


Figura 5. Esquemas das linhas gerais do Plano de Urbanização de Guimarães (Távora, 1979-82). Desenho de Ana Pinho Ferreira e Eduardo Fernandes (baseados em Távora, 1982b)

Assim, Távora leva em conta a expansão não planeada, fora dos limites reconhecíveis da cidade, uma urbanização dispersa que contrasta com a forma bem definida do burgo antigo, contida pela muralha. No seu plano, Távora procura controlar novamente a morfologia da cidade, criando uma nova entidade compacta e reconhecível que contraste com a dispersão da envolvente circundante. A nova circular rodoviária, com perfil de autoestrada e integrada num corredor verde, estabelece os novos limites da cidade consolidada a poente e norte do mesmo modo que a muralha os estabeleceu, no século XIV: com uma fronteira clara. Se a sul e nascente do centro histórico os limites da cidade estão naturalmente definidos pela topografia (as montanhas criam uma barreira natural que complementa o traçado da via rápida), os novos limites a poente e a norte são claramente perceptíveis para quem circula nesta nova via: de um lado está a cidade, do outro um território muito menos denso, que ainda preserva o uso rural. Desenhada sobre as linhas de fecho, esta circular permite também a vista da cidade de várias direções diferentes, tal como o caminho de ronda no topo das muralhas permitia (ver fig. 5).

Para a sua ligação ao sistema viário pré-existente redesenham-se as vias que estruturam a cidade entre a nova e a velha muralha: a Alameda Mariano Felgueiras, a rua de S. Gonçalo, a alameda Alfredo Pimenta e a alameda da Universidade são vias cujo traçado estava já previsto no plano de 1955 mas que ganham agora um carácter estruturante muito mais evidente. Essas vias sobrepõem-se às velhas estradas que atravessavam a antiga muralha e cruzam agora a nova muralha em novas portas (onde se articulam com a via circular através de nós de acesso), continuando o seu traçado para as cidades mais próximas.

Este carácter é enfatizado no caso do nó de acesso à Alameda Mariano Felgueiras, onde Távora previa a localização de uma obra de arte a eixo do viaduto (Bandeirinha, 2012: 360). Esta é, hoje, a principal entrada da cidade, porque é a única ligação que se pode fazer diretamente por via rápida, a partir da autoestrada A7.

Todo o percurso de chegada à cidade, por esta via, é objeto de um traçado cuidado (que altera o desenho proposto pela Junta Autónoma das Estradas), desde a rotunda projetada por Távora para o lugar de Carreira: num primeiro momento, a via é alinhada com o santuário da Penha, ao longo da veiga de Creixomil, grande extensão de área verde que surge à direita e confirma que ainda não chegamos à cidade. Depois, inflete

ligeiramente para a direita, mantendo a visão do santuário à esquerda, preparando o traçado para que, depois de uma suave e prolongada curva para a esquerda, nos apareça momentaneamente a visão do castelo. É com esta vista que chegamos à nova porta (onde um nó nos permite aceder à via circular e contornar a cidade à cota alta) e podemos atravessar esta nova muralha, entrando na cidade moderna pelo seu novo eixo principal. Este (a atual Alameda Mariano Felgueiras) era considerado no plano o “novo ponto fulcral da cidade (...) não apenas pelo fenómeno viário mas pela construção do Hospital e da Auto-Gare, e que julgamos merecedor de condigno tratamento arquitectónico e urbanístico” (Távora, 1982b: 56).

Esta Auto-Gare, prevista para o local onde hoje se encontra o Centro Comercial GuimarãesShopping, seria uma componente importante no “conjunto de edifícios que definirá a entrada da cidade” (Távora, 1982b, p. 64).¹³

4. Entre Skopje e Guimarães.

Referimos na introdução que é possível encontrar um conjunto de analogias entre os planos de Skopje e Guimarães, que poderão ser apenas o resultado de uma coincidência. Efetivamente, não é possível afirmar que houve uma influência direta dos desenhos e conceitos do plano de Skopje no plano de Guimarães, da mesma forma que dificilmente se poderá provar que não houve. Assim, limitamo-nos a constatar que existe um conjunto de afinidades entre as ideias dos seus autores, expressas em ambos os projetos, que tornam esta comparação um interessante caso de estudo.

Em primeiro lugar, encontramos vários pontos de contacto nas ideias de Távora e Tange, no que diz respeito ao posicionamento dos arquitetos face ao problema: a sensibilidade ao local e à sua história, a vontade de harmonizar o novo tecido urbano proposto com o território pré-existent, o entendimento da cidade como “organismo”.

¹³ A planta da “zona das Lameiras”, elaborada pela Divisão de Projectos da Câmara de Guimarães, que acompanha o ofício municipal de 12.12.1990 mostra ainda a localização nesse local da Central de Camionagem e do recinto da feira, localizados de acordo com o plano de Távora. A posterior localização do GuimarãesShopping nesta área implicou a localização da feira noutra local da cidade e um menor protagonismo da Central de Camionagem, integrada no edifício do Centro Comercial.

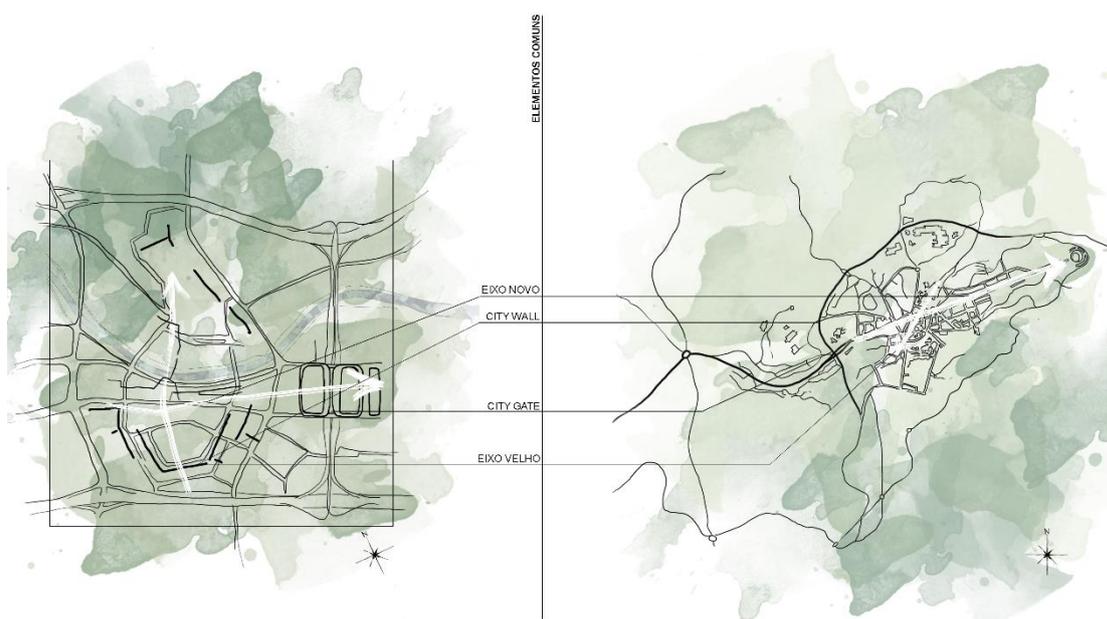


Figura 6. Esquema comparativo dos Planos de Skopje e Guimarães. Desenhos de Ana Pinho Ferreira e Eduardo Fernandes.

Em segundo lugar, comparando diretamente os dois projetos podemos encontrar um conjunto de analogias mais diretas.

O conceito inerente ao “City Wall” de Skopje está presente no traçado da via rápida que circunda a cidade de Guimarães: criar uma fronteira, delimitar uma área interior, conter a forma da cidade num núcleo com uma fronteira claramente definida.

Do mesmo modo, a ideia do “City Gate” de Skopje (marcar uma porta principal na cidade, organizando o trânsito e definindo um eixo) está presente em todo o desenho dos acessos que Távora projeta, desde a autoestrada A7 até ao viaduto que assinala a entrada na cidade e a conseqüente passagem para uma velocidade mais lenta em relação à praticada na via rápida. Se em Skopje, o City Gate dá acesso a um eixo cívico de desenvolvimento da cidade, que cruza com o eixo histórico, em Guimarães a Alameda Mariano Felgueiras parte do referido viaduto (nova porta da cidade) e prolonga-se até ao centro histórico, cruzando o eixo entre o castelo e o mosteiro que estruturava a cidade medieval (ver fig. 6).

Estas não são semelhanças de desenho, mas de conceito, que se expressam na organização do tecido urbano e no valor simbólico das estruturas que contribuem para esta organização.

5. Conclusão: entre História e Utopia.

Se, por influência ou coincidência, os conceitos do plano de Skopje podem ser reconhecidos na proposta de Guimarães, vinte anos depois e a milhares de quilómetros de distância, isso significa que a reorganização de uma cidade, de qualquer cidade, pode apresentar aspetos globais e intemporais.

Mas a intervenção no espaço urbano também cruza, de forma inevitável, uma reflexão sobre a história com um olhar para o futuro, que tem sempre presente uma componente de utopia. Se, em Skopje, Tange não consegue concretizar completamente o seu projeto, estando hoje os edifícios que foram efetivamente construídos em estado de deterioração e esquecimento (Ferreira, 2016), também em Guimarães se reconhecem muito dificilmente algumas das citadas intenções do plano (Fernandes, 2016), nomeadamente na alameda Mariano Felgueiras, que nunca assumiu plenamente as funções de ‘porta de entrada’ e dificilmente se pode considerar como parte de um eixo cívico.

Nos seus sucessos e fracassos, pelas suas semelhanças e diferenças, estes dois planos constituem um fascinante caso de estudo: do conceito ao traçado, da utopia à realidade, entre Skopje e Guimarães há muito a aprender sobre desenho urbano...

Agradecimentos

Este trabalho tem o apoio financeiro do Projeto Lab2PT- Laboratório de Paisagens, Património e Território - AUR/04509 e da FCT através de fundos nacionais e quando aplicável do cofinanciamento do FEDER, no âmbito dos novos acordos de parceria PT2020 e COMPETE 2020 – POCI-01-0145-FEDER-007528

Referências bibliográficas

BANDEIRINHA, José António, coord. (2012). *Fernando Távora, Modernidade Permanente*. Catálogo da Exposição. Guimarães: G2012CEC / ACA / FFT / FIAJMS / FCG.

- BENÉVOLO, Leonardo (2002). *Historia de la arquitectura moderna*. Barcelona: Gustavo Gili.
- ESPOSITO, António; LEONI, Giovanni (2005). *Fernando Távora, opera completa*. Milano: Electa.
- FERNANDES, Eduardo (2011). *A Escolha do Porto*. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura. Guimarães: Escola de Arquitectura da Universidade do Minho.
- FERNANDES, Eduardo (2016). Encontrar o futuro na história. O Plano de Urbanização de Guimarães. In CORREIA, Jorge; BANDEIRA, Miguel, coord. *PNUM 2016: Atas da V Conferência da Rede Lusófona de Morfologia Urbana: Os Espaços da Morfologia Urbana..* Guimarães: EAUM / LAB2PT, p. 177-87.
- FERNANDES, Eduardo, JORGE, Filipe (2011). *Guia de Arquitectura de Guimarães*. Lisboa: Argumentum.
- FERREIRA, Ana Pinho (2016). *O Plano de Kenzo Tange para a Reconstrução de Skopje: Contexto, Desenho e Evolução*. Dissertação de Mestrado Integrado. Guimarães: EAUM.
- FRAMPTON, Kenneth (1985). *Modern Architecture: a Critical History*. London: Thames and Hudson.
- KUROKAWA, Kisho (1977). Metabolism in Architecture. In RODRIGUES, José Manuel, coord. (2010). *Teoria e Crítica de Arquitectura: Século XX*. Lisboa: Caleidoscópio/O.A, p. 689-699.
- MENDES, Manuel (2013) “Encontro para a Edifícios, entrevista”. In MENDES, Manuel. *Uma Porta pode ser um Romance – fascículo 2 de Fernando Távora, ‘minha casa’*. Porto: FIMS / FAUP.
- MORAIS, Margarida; VAZ, Madalena, coord. (2002) *Guimarães Património Cultural da Humanidade*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães/GTL.
- NEWMAN, Oscar, coord. (1961). *CIAM '59 in Otterlo*. Stuttgart: Krämer Vlg.
- PORTAS, Nuno (1961). Fernando Távora: 12 anos de Actividade Profissional. *Arquitectura* (Lisboa), nº 71, p. 11-34.
- SIZA, Álvaro (1987). Fernando Távora. In *Desenho de Arquitectura, Património da Escola Superior de Belas Artes do Porto e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, p. 104-107.

- UNITED NATIONS DEVELOPMENT PROGRAMME (1970). *Skopje Resurgent: The Story of a United Nations Special Fund Town Planning Project*. New York: United Nations.
- STEWART, Dennis B. (2002). *The Making of a Modern Japanese Architecture: From the Founders to Shinohara and Isozaki*. New York: Kodansha International.
- TANGE, Kenzo (1967). Skopje urban plan. *The Japan Architect*, 130, 30-69.
- TANGE, Kenzo; BETTINOTTI, Massimo, ed. (1996). *Kenzo Tange 1946-1996: Architecture and Urban Design*. Milano: Electa
- TÁVORA, Fernando (1963). O Encontro de Royaumont. *Arquitectura* (Lisboa), n.º 79, 1. Lisboa.
- TÁVORA, Fernando. (1982a). *Guimarães, Um Futuro para a Cidade. Plano Geral de Urbanização* (folheto que acompanha a exposição pública do Plano). Guimarães: Câmara Municipal.
- TÁVORA, Fernando. (1982b). *Plano Geral de Urbanização de Guimarães*. Arquivo da Fundação Marques da Silva.
- TÁVORA, Fernando (1986). Conversaciones en Oporto: Fernando Távora. Entrevista de Javier Frechilla. *Arquitectura* (Madrid), n.º 261, pág. 22-28.
- TÁVORA, Fernando. (1993). *Fernando Távora*. Lisboa: Blau.
- TÁVORA, Fernando (2012). *Diário de 'Bordo'* (fac-simile). Guimarães: Guimarães 2012, FMS, CA, FFT.
- URBAN, Florian (2011) Kenzo Tange and the Metabolist Movement. *The Journal of Architecture*. Vol. 16, 4.